

Memorial pela indicação de Rafael José de Menezes Bastos, para a *Medalha Roquette-Pinto de Contribuição à Antropologia Brasileira*.

Florianópolis, 30 de março de 2026

Deise Lucy Oliveira Montardo (PPGAS/UFAM)

A indicação de Rafael José de Menezes Bastos para ser agraciado com a *Medalha Roquette-Pinto de Contribuição à Antropologia Brasileira* fundamenta-se:

- na contribuição para o avanço do ensino, da pesquisa, da institucionalização e da difusão da antropologia, como professor atuante na graduação e na pós-graduação *stricto sensu* e nas instâncias institucionais, associações profissionais e editoriais.

- na atuação pioneira e fundamental na criação e consolidação dos estudos sobre música e outras artes na Antropologia. Sua obras etnográficas, feitas junto aos Kamayurá, no Alto Xingu são marcos no desenvolvimento teórico-metodológico dos estudos sobre os rituais e a artisticidade dos universos indígenas. O pesquisador estendeu sua contribuição também para o campo da música popular. Suas produções portanto se deram no campo da pesquisa e da formação nas áreas da Etnologia indígena, da Antropologia da Arte, música nas terras baixas da América do sul, Alto Xingu, Santa Catarina e música na América Latina e Caribe, contribuindo para o pensamento antropológico em geral.

- na sua produtividade ao longo de sua trajetória, com mais de cem artigos e capítulos de livros, dois livros autorais e três coletâneas, publicados em distintos veículos e países.

- na sua atuação na defesa dos direitos dos povos indígenas, durante sua atuação na Funai, na década de 1970, período ditatorial, e na sua colaboração com os Kamayura no decorrer de toda sua trajetória.

Rafael José de Menezes Bastos nasceu em Salvador, Bahia, há 80 anos, e começou seus estudos de música nos “Seminários Livres de Música”, cursos técnicos da Escola de Música da UFBA, coordenados à época por Koellreutter. Concluiu sua graduação em Música, obtendo o Bacharelado em violão e composição na Universidade de Brasília (UNB), em 1968. Durante sua graduação, iniciou sua convivência com a antropologia em 1965, através do contato com com estudantes desta área. Em 1969, foi convidado por Pedro Agostinho para ir ao Alto Xingu, em uma viagem aos Kamayurá. A experiência de três meses de

campo com os Kamayurá e sua musicalidade descortinou um outro caminho para a trajetória do jovem músico, que decidiu estudar antropologia, tendo ingressado no mestrado na UNB, em 1973. Foi orientado por Roque Laraia e escreveu a dissertação *Musicológica Kamayura- para uma antropologia da comunicação no Alto-Xingu*, publicada em livro, pela Funai (1978), e posteriormente, pela Editora da UFSC (1999). Este livro é um clássico e uma das principais obras da Etnomusicologia ou Antropologia da Música, sendo uma referência mundial nestas áreas.

Ainda durante a ditadura, Rafael trabalhou durante cinco anos na Funai (1975-1980), numa atuação combativa em defesa dos interesses dos povos indígenas. Em seu trabalho neste órgão, Rafael fazia a verificação *in loco* das ocupações das terras indígenas, tendo viajado por todos os Estados da federação, e onde pode ter a dimensão da realidade dos povos indígenas em todo o território nacional.

Rafael fez seu doutorado na Universidade de São Paulo, com orientação de Lux Vidal, e realizou uma etnografia musical do Ritual Jawari, Kamayurá, “Festa da Jaguatirica, uma partitura crítico-interpretativa” publicada em livro pela Editora da UFSC (2013). Esta obra, também clássica na área, recebeu tradução na Colômbia (2021).

Em 1984, foi convidado por Silvio Coelho dos Santos para dar aulas na Universidade Federal de Santa Catarina. A partir deste convite, concursado, Rafael fez da Ilha de Santa Catarina sua residência e da UFSC, o lugar onde foi essencial no fortalecimento da Antropologia, tanto na graduação como na Pós-Graduação. Inicialmente na Pós Graduação em Ciências Sociais e sub-sequentemente na criação e consolidação do PPGAS na UFSC. Nesta Universidade criou, no início dos 1990, e coordenou, até sua aposentadoria, o Núcleo de estudos “Arte, Cultura e Sociedade na América Latina e Caribe” (MUSA), referência para todas as pessoas interessadas em Antropologia da Arte. Rafael orientou trinta e nove dissertações de mestrado e vinte e seis doutorados. Em 2014, passou a ser professor Titular e em 2025, foi homenageado como Professor Emérito da UFSC, instituição na qual foi Coordenador da Pós-Graduação, entre outras funções de gestão, e representação no Conselho Universitário, Direção de Centro, Editora da UFSC, entre outras.

Rafael Menezes Bastos foi professor e/ou pesquisador visitante de várias universidades europeias (Portugal, França) e americanas (Estados Unidos, Canadá). Foi representante do Brasil, no International Council for Traditions of Music and Dance (ICTMD), órgão consultivo da UNESCO. Ressalta-se que ao tecer as redes de internacionalização, Rafael esteve na consolidação da Etnomusicologia ou Antropologia da Música, sendo fundante na constituição dos estudos sobre musicalidades indígenas no mundo.

Rafael tem colaborado com a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) nas mais diversas frentes, desde a participação no Conselho Científico, em Comissões, atuando como membro da Comissão Editorial da Vibrant, e organizando Grupos de Trabalho e Mesas-Redondas nas Reuniões Nacionais e Regionais (RBAs, RAMs, principalmente). O pesquisador foi fundador e vice-presidente em uma das gestões da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET).

No fortalecimento da pesquisa, podemos lembrar suas atuações em Comitês de concursos, comissões de julgamento de prêmio, avaliação de projetos, entre outras atividades na CAPES e no Cnpq. No Cnpq, fez carreira como pesquisador produtividade.

Para concluir este sucinto memorial, trazemos o livro *Ritual, arte e política entre povos indígenas na América do Sul*, publicado em 2025, que, organizado como uma homenagem aos seus oitenta anos, reúne artigos escritos ao longo da sua trajetória. Neste livro, tem-se um panorama das contribuições teórico- etnográficas à compreensão dos rituais dos povos xinguanos, das especificidades do seu xamanismo e das formas de percepção que a sua ontologia promove; as principais tendências nos estudos sobre a música dos povos indígenas das terras baixas sul-americanas com a identificação das características recorrentes em diversos sistemas musicais da região; a dimensão política do fazer musical indígena e as formas plurais de compreender a história do processo de organização da Terra Indígena Xingu.

Ao concedermos a *Medalha Roquette-Pinto de Contribuição à Antropologia Brasileira* a Rafael José de Menezes Bastos, estaremos reconhecendo a importância do seu profícuo trabalho, referência obrigatória para quem quiser conhecer sobre a musicalidade indígena nas Terras Baixas e sobre a Etnologia indígena do Alto Xingu.

Livros publicados e organizados mencionados

La Fiesta del Ocelote: Una Partitura Crítico-Interpretativa. 1. ed. Popayan: Editorial Universidad del Cauca, 2021. v. 1. 518p .

A Festa da Jaguatirica: Uma Partitura Crítico-Interpretativa. 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013. v. 1. 525p .

A Musicológica Kamayurá: Para uma Antropologia da Comunicação no Alto -Xingu, 2a. edição. 2a. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

A Musicologica Kamayura: Para Uma Antropologia da Comunicação no Alto-Xingu. Brasília: Fundação Nacional do Índio,, 1978. 241p .

Ritual, arte e política entre povos indígenas na América do Sul. 1.ed. Florianópolis: Editora Insular, 2025. 468 p.